

Entrevista

Max Rosenmann

PL — um partido dos trabalhadores

Dono de um império de joalheiras, Rosenmann vendia anelzinho na faculdade para poder sustentar seus estudos

Max Rosenmann, dono de um império do ramo de joalheria que leva seu nome M. Rosenmann, diz que, com a redemocratização do país, em 79, se empolgou com a política e resolveu entrar na vida pública para valer, abandonando seus negócios. Hoje quem cuida das empresas M. Rosenmann é seu irmão, Manoel Rosenmann. "Não tenho negócios. Só patrimônio", diz ele, acrescentando que não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Eleito deputado federal constituinte pelo PMDB em 86, Max nunca camoteou sua postura liberal. Portanto, hoje, ele sai do PMDB e entra no Partido Liberal e está acreditando num crescimento do candidato Guilherme Afif Domingos, à Presidência da República. E sem nenhuma ironia, ele diz que o "PL é um partido dos trabalhadores" e não somente de empresários como todos pensam. No último domingo, antes de embarcar para Brasília, o deputado concedeu entrevista exclusiva a Folha de Campo Largo, em seu escritório no Centro Cívico, em Curitiba.

FOLHA — O senhor que pertenceu até a semana passada ao PMDB, poderia fazer uma análise sobre o declínio do partido nos últimos três anos?

MAX ROSENMMANN — Muita gente desconhece a verdadeira origem do PMDB. Poucos sabem que o MDB foi fundado pelo golpe militar de 64 para mascarar o regime ditatorial. Eles (os militares) pretendiam com isso, passar uma imagem de democracia enquanto que na verdade estavam vivendo sob uma ditadura.

NÃO TENHO NEGÓCIO —
TENHO PATRIMÔNIO

A incorporação do PMDB com o PP e sua própria característica de frente partidária impossibilitaram que o partido se firmasse ideologicamente. Mas acho que o PMDB cumpriu o seu papel. Mal, mas cumpriu.

FOLHA — Que papel?
ROSENMMANN — O partido queria tanto uma anistia ampla, geral e irrestrita; diretas já para presidente e uma assembleia nacional constituinte livre e soberana. Pois muito bem: tivemos uma anistia, nem tão ampla, nem tão geral e até meio restrita, mas tivemos. Diretas já, nem tão já, mas estamos aí diante de um pleito que deverá eleger o próximo presidente do Brasil. E a tão conclamada e pichada nos muros da liberdade, Assembleia Nacional Constituinte aconteceu. Porém, nem tão livre e nem tão soberana.

FOLHA — E o PMDB no poder. Onde foi que o partido errou?
ROSENMMANN — O erro foi dentro da constituinte. De cara, ela deveria rever os partidos, extingui-los talvez, para dar liberdade dos eleitos se acomodarem nos partidos onde mais se identificavam. Ou seja, deveria ter dado oportunidade para os iguais se aglutinarem. Ai sim, teríamos hoje partidos fortes e quem sabe o próprio PMDB pudesse ser melhor triado e organizar-se dentro do governo.

Por Sirley Cardoso



FOLHA — O senhor saiu do PMDB por não mais se identificar com a filosofia do partido?

ROSENMMANN — Me orgulho de ter participado do PMDB. Aliás sou um dos históricos. Estou nele desde o primeiro dia quando houve em 82, sua fusão com PP eu fui parar no PMDB. Estava filiado ao PP, a convite do ex-governador Jaime Canet Junior. E quando ele resolveu apoiar a candidatura de José Richa ao governo do Paraná, em 82, arregacei as mangas e participei ativamente da campanha e conseguimos eleger o Richa.

FOLHA — Os empresários sempre ficaram de fora dos partidos políticos. Muitos até alegam que empresários e políticos não comem na mesma mesa. E diante do descrédito da classe política eles até preferiam não "se meter". Como o empresário do ramo de joalheria, bem sucedido, Max Rosenmann, entrou na carreira política?

ROSENMMANN — Sempre participei de movimentos políticos estudantis, nos cursos acadêmicos. Sou contemporâneo de Cândido Mariano da Costa, Antonio Amabile, Roberto Requiao, Enéas Faria, Ailton Cordeiro, Nilson Sgu-

ALGUNS IMBECIS SE
PAUTAM POR CONVERSAS
DE BOTEQUIM

rezzi. Esse pessoal todo foi entrando na vida pública primeiro que eu. Na verdade eu tinha pouco tempo para me dedicar a determinadas causas, pois meus pais faleceram quando eu tinha 18 anos... Eu vendia anelzinho na faculdade para poder me sustentar. A vida me levou ao trabalho de tal forma que não tive tempo de entrar na carreira política.

FOLHA — O que especificamente o levou a entrar na vida pública e disputar um mandato de deputado federal em 86?

ROSENMMANN — Quando iniciou o processo de redemocratização do país, no final do governo Geisel em 79, me interessei no PP por me identificar com sua linha liberal. Ai, como já disse, veio a incorporação, a eleição de Richa e neste momento me entusiasmei com a vida pública e percebi que tinha vocação. Então, abandonei os meus negócios.

FOLHA — O senhor não dirige mais as empresas M. Rosenmann?

ROSENMMANN — Não tenho negócio, nem empresas mais. Tenho apenas patrimônio. Na realidade, deixei de dirigir minhas empresas para gerenciar as do Estado. Em 83, fui diretor do Bades juntamente com João Elísio e em um ano de trabalho levantei o banco, concentrando todos os seus investimentos nos pequenos e médios empresários. Os grandes só eram admitidos para o setor de agroindústria às cooperativas comprovadamente sólidas. Em seguida, em 84 o governador José Richa me convidou para diretoria geral da Casa Civil e em 85 fui para a presidência do Instituto de Previdência do Estado (IPE). Lá eu fiquei 18 meses e consegui ampliar de 80 para 220 agências em todo o Estado a custo zero. Isto é, instalamos agências dentro das inspetorias de ensino e conseguimos, com isso, interiorizar o IPE. Além disso, tratamos de desburocratizar o instituto e melhorar sensivelmente o atendimento aos segurados. Uma pensão, que antes levava seis meses para ser concretizada, no meu tempo sala em dois dias. E ainda, construí seis mil apartamentos com recursos do BNH.

FOLHA — Há quem diga que o senhor teria se utilizado politicamente do IPE como trampolim para eleger-se deputado federal?

ROSENMMANN — Isso não é verdade. Sai do IPE, em 31

de dezembro de 85 e nunca mais voltei lá, porque sai para ser candidato. Não usei o meu cargo politicamente. A única coisa que fiz foi trabalhar. Ou seja, plantei nasceu e eu soube colher. E quando planto nasce mesmo pois eu trabalho para que isso aconteça.

FOLHA — Eleito constituinte, o senhor, assim como outros empresários dentro os quais Maurício Nasser (do Consórcio Nasser), Basílio Vilani (Bamerindus) — foi taxado de lobista ou de estar representando determinados grupos econômicos. Como o senhor responde a isso?

ROSENMMANN — Fui acusado por alguns imbecis que se pautam pelas conversas de botequim. Na verdade, fui um dos grandes representantes dos trabalhadores na Constituinte. Defendi a liberdade sindical, reconhecimento das questões coletivas, aviso prévio proporcional e indenização maior para casos de demissões injustas. Na constituinte eu defendi mais causas em favor do trabalhador do que talvez o próprio partido do que se propõe a representá-lo. (PT).

FOLHA — Por que do seu ingresso no PL às vésperas de uma eleição presidencial, cujo candidato do Partido, Guilherme Afif Domingos, apresenta um baixo desempenho nas pesquisas de intenções de voto?

ROSENMMANN — Estou indo para o PL por me identificar melhor com sua filosofia partidária. Quanto ao candidato, creio que ele terá tempo suficiente no horário político

FOLHA — Há quem diga que o senhor teria se utilizado politicamente do IPE como trampolim para eleger-se deputado federal?

ROSENMMANN — Isso não é verdade. Sai do IPE, em 31

distribuir a renda. Por isso que sempre digo: o PL é um partido dos trabalhadores, que defende seus direitos fundamentais, dentre os quais a boa e justa remuneração.

FOLHA — O senhor poderia alinhar em alguns tópicos a proposta do candidato à Presidência da República pelo seu partido, Afif Domingos?

ROSENMMANN — É bom que se diga que o PL é o único partido que apresenta um candidato com propostas. Muito resumidamente posso citar: — Afif propõe uma recessão nacional num prazo de seis meses através de cortes revolucionários nos investimentos públicos em obras não prioritárias, eliminando com isso o déficit público; — estímulo fiscal para os empresários não demitirem os empregados dentro desse período

AFIF DEFENDE UMA
RECESSÃO DE
SEIS MESES

de seis meses (durante a recessão); — privatização revolucionária das empresas não estratégicas, tais como: Petrobrás, Eletrobrás, Telebrás; — retomada do desenvolvimento através do estímulo à agricultura e agroindústria e apoio aos reinvestimentos e geração de empregos para acabar com a especulação no mercado financeiro. Creio que com isso, em dois anos o país retoma sua estabilidade econômica e sobretudo resgate a credibilidade política. Afif vai dar o exemplo de cima, com atitudes transparentes e ousadas. Só que isso vai demorar. Não será de uma hora para outra.

FOLHA — Vamos fazer um jogo rápido sobre outras candidaturas: Primeiro gostaria que o senhor fizesse uma análise do novo PRN — que tem Fernando Collor como candidato, e que está na liderança das pesquisas.

ROSENMMANN — Um partido formado exclusivamente para apoio de uma candidatura. Sem consistência ideológica e com um ingrediente muito forte que une a todos: o oportunismo, sobretudo gerado pela expectativa de se ter o poder nas mãos, esquecendo que o compromisso neste momento deve ser calçado mais em cima de um patriotismo à ser menos egoísta.

FOLHA — Qual a expectativa do senhor com relação ao PL dentro do processo eleitoral?

ROSENMMANN — É um pequeno partido. Mas trata-se de uma criança saudável que vai crescer e ser útil para o Brasil. Que vai mudar a mentalidade de como se governar este país. Que pretende acabar com a exagerada interferência do Estado na economia e romper com uma estrutura cartorial. O PL é o espaço para o empresário participar das decisões políticas de forma madura e inteligente. E quem mais vai ganhar são os trabalhadores.

FOLHA — Por que os trabalhadores?
ROSENMMANN — Porque com a eliminação do Estado e o restabelecimento de uma saudável competição de mercado e uma livre economia haverá um aquecimento no processo e consequentemente uma maior valorização da mão-de-obra e de todo tipo de trabalho. Assim, as pessoas terão mais oportunidades de participar. O PL pretende re-

FOLHA — Ulysses Guimarães?
ROSENMMANN — Perdeu uma grande oportunidade de ficar em casa. Mas pela sua sede de ser o presidente de tudo vai ter um final infeliz.

Especial

Preço de telefone se equipara ao de um carro

Enquanto a Telepar alega falta de recursos para expansão das linhas, ganham os especuladores do mercado de telefones

Já tem gente disposta em Campo Largo e em outras cidades brasileiras, a trocar um carro semi-novo por uma linha telefônica comercial e até mesmo residencial. Com as mudanças que o Plano Cruzado de 86 provocou na economia, houve um superaquecimento nos investimentos e, como não havia na ocasião, um efetivo controle das concessionárias da Telebrás, na comercialização das linhas, comprar telefone tornou-se um grande negócio de ocasião.

Passada a febre do "milagre econômico" o país volta à realidade e percebe que tudo foi uma tremenda mancha. Enfim, hoje não há projetos para expansão de linhas telefônicas a curto prazo e o motivo, segundo o presidente da Telepar, Fernando Xavier da Silva, é que as tarifas também ficaram defasadas e não tem dinheiro para investir no setor.

Campo Largo possui duas centrais (292 e 392) totalizando 4.500 linhas para uma demanda quase quatro vezes superior. Xavier explicou que a Telepar está programando, para o município uma ampliação de terminais para o segundo semestre de 1992. Os candidatos a novos usuários poderão ser chamados a partir da metade do ano que vem. E as linhas poderão ser adquiridas através de um plano especial da companhia (ver tabela nesta página). Todavia, o usuário, mesmo pagando à vista, estará ciente de que só terá o seu telefone instalado num prazo de 18 meses após a aquisição.



Xavier: expandido em 92

FILA

A fila de inscrições na Telepar somente para Curitiba já ultrapassa os 34 mil, com uma confirmação de 20%. Já têm 18.700 assinantes que pagaram ou estão pagando suas linhas e deverão tê-las instaladas somente em junho do próximo ano.

AGIO

O presidente da Telepar explicou que a companhia não tem como interferir ou coibir a cobrança do ágio na comercialização das linhas telefônicas entre particulares. A única coisa que a Telepar regula é a transferência e com relação aos telefones adquiridos após 86 não há como transferir. Afé que entram os contratos particulares que para a Telepar não tem nenhuma validade legal. Portanto, quem necessitar de um telefone tem que correr o risco, e além disso, pagar muito caro.

ESPECULAÇÃO

Uma linha telefônica está sendo vendida hoje em Campo Largo por até NCz\$ 12 mil, enquanto que o preço da Telepar à vista é de NCz\$ 5.503,00 — só que não tem em disponibilidade para instalação imediata. O residencial está em torno de NCz\$ 10 mil no mercado paralelo e na Telepar NCz\$ 2.751,65. Estes preços valem para Curitiba e Região Metropolitana.

Para acabar com a especulação e retomar o controle da comercialização das linhas telefônicas, a Telepar precisa elevar as tarifas em cerca de 50% para poder arrecadar recursos para investir na expansão. "Com as tarifas lá em baixo, o assinante usa mais o telefone do que o carro, por exemplo, e isso gera outro problema mais sério ainda: o congestionamento das linhas no horário de pico", explicou Fernando Xavier.

Para melhor exemplificar Xavier diz que o impulso está mais barato que o combustível, que o táxi e outros serviços. Portanto, as pessoas fazem negócio por telefone, utilizam demais o serviço interurbano. "Sai mais barato negociar por telefone do que fazer pontes aéreas por exemplo", justifica o presidente da Telepar.



Na falta de telefone o tecto é apelar pelo orelhão.

Tabela para aquisição de linhas telefônicas da Telepar para o município de Campo Largo, Curitiba e Região Metropolitana.

RESIDENCIAL

Plano	em BTN's	em NCz\$
4 meses	332.5335	693,07
5 meses	266.6890	555,83
6 meses	222.7936	464,35
7 meses	191.4405	399,00
8 meses	167.9256	349,99
* à vista	1.320,28	2.751,65

COMERCIAL

Plano	em BTN's	em NCz\$
4 meses	665.0670	1.386,13
5 meses	533.3781	1.111,67
6 meses	445.5872	928,69
7 meses	382.8810	798,00
8 meses	335.8513	699,98
* à vista	2.640,48	5.503,30

Soldado comemora seu dia



O Prefeito Afonso Guimarães presente à solenidade

No último sábado, realizou-se no 15º Grupo de Artilharia de Campanha — Lapa-PR, a solenidade alusiva ao Dia do Soldado do Exército Brasileiro. Contou com a presença de diversas autoridades civis militares e eclesásticas, dentre elas o prefeito de Campo Largo Afonso Portugal Guimarães e assessores, onde continha a seguinte programação:

- Recepção à mais alta autoridade
- Incorporação da Bandeira Nacional
- Canto da Canção do Exército
- Entrega de Diplomas de Colaborador Emérito do Exército
- Entrega de Medalhas do Torneio Desportivo e Tempo de Sv. Militar
- Compromisso do Recruta à Bandeira Nacional
- Leitura da Ordem do Dia
- Desfile dos recrutas em continência à Bandeira Nacional
- Canto do Hino a Caxias
- Desfile da Tropa
- Visitação pública às instalações da OM
- Exposição de Material
- Recepção oferecida pelo Comando do Grupo às esposas de militares, autoridades e convidados da sociedade civil, visando os respectivos condecoramentos.

Mercado Ray

Tudo para suas compras de final de semana. Produtos alimentícios em geral, carnes, frios, bebidas, gás, etc.

ABERTO AOS DOMINGOS
DAS 9 AS 11:30 HORAS

Bom atendimento, com entrega a domicílio.

Rua Joaquim Ribas de Andrade, 647
Fone: 392-1093 — Campo Largo-PR.

J. R. COBRANÇAS S/C LTDA.

Rua do Centenário, 2020 - Centro
Ao lado do Despachante Christo
83.600 — Campo Largo - PR
Fone: 041 292-2655 COBRAMOS
PRESTAÇÕES EM ATRASO, NOTA PROMISSÓRIA, DUPLICATA, CHEQUES SEM FUNDO

LEUCZ

Comércio de materiais para construção Ltda.

Azulejos
Fiso diversas pontas
de estoque de azulejos

Não fechamos para o almoço

Rod. do Café, km 22 — n° 2.500

Fone: 292-1356

ACERVO HISTÓRICO

MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO - PR

Panorama Eletro Comercial Ltda.

Material elétrico, industrial, comercial, alta e baixa tensão.

Os melhores preços em: fios e cabos, reatores, luminárias, chaves e polias para motores, fusíveis diazed, NH e caruchos, entradas de luz, comando industrial e antenas para TV. Técnicos e instaladores a sua disposição. Entrega imediata.

Bimbo Materiais de Construção

Se você está construindo ou reformando, não deixe de consultar a mais nova opção em materiais de Campo Largo

Orçamentos sem compromisso com aquele atendimento camarada.

Rua Joaquim Ribas de Andrade, 871 — Ao lado do CEPAG — Fones 292-1250 e 392-1825

LOJAS CENTRAL

A maior variedade, o maior sortimento, os últimos

lançamentos de brinquedos, para a garotada

se divertir

estão nas Lojas Central.

Tudo em 3 x sem acréscimo

LOJAS CENTRAL

1 — XV de Novembro, 2289
2 — Galeria Deodoro
3 — Rua Marechal Deodoro, 386